

# GAZETA MEDICA DA BAHIA

PUBLICAÇÃO MENSAL

Anno XIX

JUNHO, 1888

N. 12

## DERMATOLOGIA

### CONTAGIO DA LEPRA. INVESTIGAÇÕES HISTOLOGICAS E BACTERIOLOGICAS QUE DEMONSTRAM SUA NATUREZA PARASITARIA

Agita-se de novo a questão do contagio da lepra, tantas vezes affirmado e contestado por notabilidades scientificas de primeira ordem, e voltando sempre ao dominio da discussão para reforçar as opiniões controversas em novos factos e argumentos.

A opinião anti-contagionista, que por vezes tem parecido dominar na sciencia, nunca poudo abalar totalmente, na consciencia do mundo extra-profissional, a crença que tem atravessado seculos, perpetuando-se nas tradições e nas leis dos mais antigos povos, de que a molestia se transmite pelo contacto.

Nos ultimos annos, depois dos trabalhos de Hansen e Neisser, a questão se tem collocado no terreno em que pôde ter sua cabal demonstração. As investigações histologicas e bacteriologicas offerecem elementos de grande valor para a solução do problema, que jamais poderia ser resolvido pela simples observação clinica dos factos, difficillima e geralmente incompleta n'uma affecção de prolongada incubação e marcha lenta, envolvendo-se sempre nas sombras do mysterio em que procuram occultar-se os doentes e a molestia.

E' na Academia de Medicina de Paris que se debate actualmente a questão do contagio da lepra a proposito de uma

communicação de Ernest Besnier sobre a natureza microbiana da molestia: de um lado Le Roy de Mericourt com toda a autoridade de provector clinico, um dos mais abalisados conhecedores da pathologia exotica, contesta, com grande somma de factos, o contagio da lepra; do outro os contagionistas, e á sua frente Besnier e o notavel dermatologista Leloir, cuja competencia na materia é confirmada pelo valor de uma obra importante que sobre esta molestia publicou em 1886.

Antes de apresentar aos leitores o resultado d'esta discussão que apenas começa, daremos uma resumida noticia do movimento da questão nos ultimos annos, a datar de 1860, epoca em que o estudo da molestia começou a occupar mais seriamente a attenção dos pathologistas e clinicos, e especialmente dos trabalhos de Hansen, Neisser, Köbner, Damsch, Babes, Boncme, que pelos processos technicos mais modernos das investigações histologicas e bacteriologicas demonstram a natureza parasitaria da molestia, e os caracteres de suas lesões nos differentes tecidos.

Quando, em 1860, o eminente anatomo-pathologista, Prof. Virchow, foi convidado pelo governo sueco para estudar as causas da lepra que se espalhava de modo aterrador na costa occidental da Scandinavia, dirigio pela imprensa aos medicos praticos de todas as partes do mundo, uma circular contendo uma serie de questões, entre as quaes se notavam as seguintes:

« A que causas se pode attribuir o apparecimento da molestia?

a. Herança?

b. Contagio?

c. Clima?

d. Alimentação?

N'este pequeno artigo nos occuparemos somente do 2.º quesito, que se refere ao contagio.

As respostas dadas ao questionario do illustre professor Virchow por clinicos de diversos paizes e das differentes partes do mundo, mostram que n'aquella epoca estava por decidir a questão da natureza contagiosa da lepra, que era entretanto affirmada por alguns clinicos, emquanto outros sustentavam que não havia factos que a demonstrassem.

Citaremos apenas algumas opiniões emittidas em resposta à consulta do illustre professor, para mostrar o estado de duvida em que pairava a sciencia n'aquella epoca.

Lobscheid, de Hong-Kong, dizia :

«Que a lepra é contagiosa é fóra de duvida, mas o veneno actúa muito lentamente sobre certas constituições, o que pode ter induzido à opinião de que a cobabitacão não tenha effeitos nocivos.»

O Dr. Friedel, em seu relatorio escripto de Nagasaki, em 1860, exprime-se d'este modo :

«Além da transmissão por herança os chinezes admittem tambem o contagio, e ainda hoje não está inteiramente decidido se elle não se dá.

«Pelo menos as pessoas que interroguei sobre este ponto estavam inteiramente convencidas do contagio do primeiro grão da affecção. A lei declara tambem a lepra contagiosa. Os leprosos de familias ricas devem ficar isolados em suas casas e se sahirem d'ellas são presos pela policia e levados para os asylos de leprosos.»

Um *comité* de medicos japonezes, presidido pelo Dr. Jozi Siosu, primeiro medico do principe de Sats'zuma, ao qual foi submettido o questionario do professor Virchow, respondeu ao quesito referente ao contagio do modo seguinte :

«Não conhecemos casos de contagio certo e directo.»

«O casamento e o coito não teem nenhuma influencia contagiosa.»

O nosso lembrado collega Dr. Wucherer, já então residente aqui na Bahia, e o Dr. Lallemand, que estivera algum tempo no Brazil e achava-se n'aquella epoca em Lubeck, foram os dois medicos, que, em relação a este paiz, responderem aos quesitos do professor Virchow.

Lallemand não affirma o contagio, refere-se apenas ao temor que em todas as classes do povo inspirava o contacto dos morpheticos, a ponto de em parte alguma lhes darem quartel, e nos logares onde não havia asylos para elles, serem obrigados a residir fóra das povoações e bem affastados d'ellas.

O Dr. Wucherer declara que a questão está ainda por decidir. Cita o facto de terem sido atacados da molestia dois filhos de um individuo que morava na visinhança do *Hospital dos Lazaros*, da Bahia, e tambem o de terem sido affectados os filhos de um administrador do mesmo hospital, sem que os paes tivessem nunca soffrido da molestia. Em contraposição refere ainda o Dr. Wucherer que no mesmo asylo estava a 26 annos um negro, que durante todo este tempo estivera em contacto diario com os morpheticos, dormia muitas vezes nas mesmas camas, barbeava-se com as mesmas navalhas, e nunca fóra affectado.

Em 1862 o *College of Physicians*, de Londres, abriu vasto inquerito sobre a natureza e modo de transmissão da lepra, que se espalhava de modo assustador nas colonias inglezas, e depois de colher as respostas de mais de 250 clinicos e autoridades consulares, incumbiu a uma commissão de examinal-as e apresentar o relatorio final.

O *Report on Leprosy by the Royal College of Physicians* é um trabalho importantissimo pela grande somma de

documentos, cujos extractos vem annexos como peças justificativas. Além de mais de 250 communicações medicas, instrue-se nas informações fornecidas por grande numero de relatorios officiaes de consules britannicos e de autoridades do governo colonial. O inquerito estendeu-se ás Indias inglezas, especialmente ás presidencias de Bengala, Madras e Bombaim, a Ceylão, ás colonias da Australia, a Nova Zelandia, Madagascar, Reunião, Mauritius e Sechelles, Cabo da Bôa Esperança, Serra Leôa, Guyanna, Antilhas inglezas e especialmente Jamaica, Antigoa e Barbados; ilhas jonicas e egéas, Chypre, Rhodes, Metylene, Samos e Creta; costa asiatica do Mar Negro, Syria e Palestina, provincia do noroeste da Persia, Adem, toda a China, especialmente as provincias do Sul, e o Japão.

Apurando todos os pareceres recolhidos e apoiando-se em grande maioria de opiniões anti-contagionistas, a commissão do *Royal College of Physicians* apresentou em 1867 o seu relatorio com as seguintes conclusões :

« A convicção quasi unanime dos observadores mais experimentados de differentes partes do mundo é inteiramente opposta á crença de ser a lepra contagiosa ou communicavel por approximação ou contacto com os doentes. A prova tirada da experiencia de pessoas empregadas nos asylos de leprosos é, a este respeito, especialmente concludente.

« Alguns casos que foram apontados em sentido contrario, ou são filhos de uma observação imperfeita, ou são consignados com tão pouca attenção, relativamente ás minudencias necessarias, que não podem invalidar a conclusão que estabelecemos.

« Acredita a grande maioria das pessoas consultadas, as quaes achavam-se nas melhores condições de observar a

lepra, que esta enfermidade é raras vezes, se em realidade o é, transmittida pelas relações sexuaes. »

A incontestavel autoridade da douta corporação que pronunciou este *veredictum* fez acceitar a doutrina anti-contagionista pela grande maioria da profissão medica na Inglaterra e nas possessões inglezas, e foi pouco a pouco incutindo no espirito publico a ideia de que a crença no contagio era devida a vãos terrores inspirados pela ignorancia e pelos preconceitos dos nossos antepassados, teve por consequencia natural o affrouxamento das medidas de rigor que determinavam a segregação dos leprosos.

Por alguns annos esta opinião pareceu dominar todo o mundo scientifico.

Em 1882 nosso illustrado collega, Dr. José Lourenço de Magalhães, em seu excellente livro « A morphéa no Brazil » mostrava-se decidido anti-contagionista, baseando-se em observações proprias e nas opiniões do *Royal College of Physicians* e de pathologistas notaveis como Danielssen, Boeck, Hardy, Alibert, Rayer, Uhlig, Brassac e outros.

« Cumpre assignalar, diz elle, que apezar de uma tradição de muitos seculos, sustentada nas paginas dos livros sagrados, e do horror que a molestia sempre inspirou e ainda hoje inspira a muita gente, todavia a opinião contraria ao contagio, depois que se dissipou a confusão da idade media, foi a pouco e pouco ganhando terreno, conseguiu romper por entre os preconceitos, e afinal engrossou de tal modo que constituiu-se dominadora da opinião contagionista. »

A opinião vencedora, porem, não tranquillizou os governos nem os povos de paizes assolados pela lepra. O governo de Hawaü, impressionado pela extensão em que se espalhava a lepra nas ilhas de Sandwich, cujos naturaes em 1882 eram atacados de lepra na proporção de 4 a 5 %, attribuindo-se

esta extensa propagação da molestia à tenacidade com que a população se recusava ao isolamento dos doentes, a *morte viva* do hospital dos leprosos, procurou, por um extenso e minucioso inquerito, obter de todos os paizes em que domina a lepra, informações acerca das causas e das medidas adoptadas para o tratamento medico e social das pessoas atacadas do terrivel flagello.

O *summary of Reports furnished by foreign governments to his Hawaiian Majesty's authorities, as to the prevalence of leprosy in India and othea countries, and the messures adopted for the social and medical treatment of persons afflicted with the disease*, em 1886, é mais um curiosissimo documento para a historia da lepra.

Grande numero de opiniões se manifestam ahi pró e contra a natureza contagiosa da molestia, sendo porem as ultimas em maior numero. A leitura do *Summary of Reports* deixa o espirito vacillante entre o peso de algumas opiniões que bem se podem contrapor ao maior numero de outras.

A *American Dermatological Association*, affirmando sobre um relatorio de Fox e Graham que «a molestia é indubitavelmente contagiosa por inoculação»; o Dr. Aquart, de Grenada; Pollard, Manguet e Van Holst, de Guyana; Macurmara, de Mozufferpore; Harris, de Budaon e Proto-Medico de Corfu, affirmam o contagio.

O Conselho Superior de Saude do Mexico enuncia-se n'esta conclusão: até esta data não temos provas de que a molestia seja communicada por contacto directo de pessoas com o individuo affectado, nem com aquellas que estão em relações mais proximas com elles.» O Dr. Torrens, director do hospital de elephantiasis de las Palmas, o Dr. Juan Gomes, director do departamento dos lazarus do hospital Juarez, no Mexico; os Drs. Benson e Bayard, de New-Brunswick;

Browne, de Barbados; Fiddes, de Jamaica; Ebden, do Cabo da Bôa Esperança; Brunelli, de Creta; Tygaldos, de Corfu; Kynsey e Davy, de Ceylão; Jackson, de Bengala; Deventer e Ezeling, das ilhas neerlandezas, Henderson, de Shangai; Day, Short, Porteous e Shaw, de Madras,—contestam mais ou menos formalmente o contagio.

N'um interessante e bem elaborado trabalho, publicado na *Coimbra Medica*, no anno passado, o Dr. Urbino de Freitas discutindo a opinião emittida pelo distincto dermatologista Leloir em sua obra recente (*Traité Pratique et Theorique de la Lèpre*) sobre a natureza da lepra, accumula para refutar as ideias contagionistas do illustre professor, grande numero de pareceres extrahidos do *Summary of Reports*, ministrado ao governo de Hawaii, e de outros trabalhos mais recentes, apurando um total de noventa e oito opiniões anti-contagionistas contra 17 contagionistas. Exprimindo o resultado de sua observação pessoal, diz o Dr. Urbino de Freitas: «nas repetidas excursões nossas ás provincias e pela observação de 140 leprosos, jamais encontramos o menor vestigio de receio do contagio no seio das familias dos leprosos; exprimindo-nos aquellas, quando alli fomos, e estes, quando veem consultar-nos aqui uma constante surpresa pela insistencia nossa em attribuirmo-lhes o perigo do contagio; e em uma região, Paços de Ferreira, onde ainda se encontram bastantes leprosos e as ruinas de uma antiga gafaria, accentua-se a ausencia de todo o receio de contagio leproso e o não manifestar-se horror algum pelo aspecto dos leprosos, ao qual o povo parece de ha muito habituado.»

Entretanto, apezar de tão grande numero de opiniões em contrario, a questão do contagio da lepra está longe de ser uma questão morta.



O historico de alguns factos bem observados e publicados na imprensa medica tem abalado a opinião de alguns anti-contagionistas decididos. Kaposi, o distincto dermatologista e professor em Vienna, discipulo do celebre especialista Hebra que estudando a lepra na Noruega em 1853 (Skizzen einer Reise in Norwegen) concluiu que a molestia não era contagiosa, affasta-se da opinião de seu predecessor, e em suas excellentes lecções sobre as molestias da pelle, mostra-se inclinado a admittir o contagio na etiologia da lepra.

« Recentemente, diz elle, tem se posto em primeira linha o contagio (Landré) como na epoca do seu apparecimento, em que os syphiliticos, aliás capazes de transmittir sua molestia, recusavam cohabitar com os leprosos. Sem duvida observam-se em relação a este ponto casos notaveis. Assim, vimos um homem nascido em Turem, e que tinha passado alguns annos no Egypto, contrahir ahi a lepra tuberosa, e sua mulher que para lá foi alguns annos mais tarde foi atacada igualmente, de lepra maculosa e anesthesica. »

« A hypothese da herança, diz ainda Kaposi, não explica o facto de pessoas, e conheço muitas n'este caso, cujos ascendentes nunca habitaram paizes em que existisse a lepra, e tendo nascido ellas mesmas em paizes isentos d'esta molestia, no centro da Europa, por exemplo, foram residir em localidades em que a affecção é endemica, e depois de uma residencia de dois ou muitos annos foram atacadas d'esta affecção. »

Em suas annotações á traducção da obra de Kaposi, o distincto dermatologista francez E. Besnier ja dizia em 1881:

« O contagio da lepra, outr'ora admittido como uma verdade evidente, depois negado systematicamente, tornou-se hoje uma questão á qual não podemos subtrahir-nos.

Qual o medico que ousaria hoje inocular em si a lepra?

Como comprehender-se a importação da lepra de uma nação em outra, no curso dos seculos, senão pelo contagio? »

Muitos outros factos como esses a que se refere Kaposi, teem sido publicados por diversos clinicos, e tendem pela insistencia das observações a modificar de dia em dia as opiniões anti-contagionistas.

«O Dr. Monro n'uma obra sobre a *Etiologia e Historia da Lepra* mostra que Tilbury Fox, Planck, Erasmus Wilson, van Holst, da Guyanna hollandeza; Monget, de Demerara e Nicolson, de Antigua, cada um refere um caso de um europeu infectado por cohabitação com mulher leprosa, ou pelo menos de pois d'ella. Proto Medico (Corfu) e Regnaud (Mauritius) mencionam tres casos de mulheres affectadas pelos maridos. Muitos outros casos são citados. De conhecimento pessoal refere elle que em St. Hitts, Hannah Carty, ainda muito joven, viveo e cohabitou com F. Wilson, que tinha ulceras leprosas, lavava a roupa do doente e posto que pertencesse a uma familia san, foi atacada de lepra aos 17 annos.

O mesmo author refere a seguinte notavel serie de Macumara: 1.º uma mulher leprosa; 2.º depois de cinco annos uma filha que vivia com ella; 3.º quatro annos mais tarde o marido da primeira; 4.º a cunhada d'este, (mulher do irmão) que morava na mesma casa, mas não era parenta consanguinea; 5.º o marido d'esta, dois annos após ella. Por falta de espaço não citamos outros exemplos notaveis da obra de Monro. » (1)

O Dr. Hillbrand narra tambem um caso, de Borneo: Um rapaz branco, brincando com um menino de côr, leproso, introduzio um canivete na parte anethetica do corpo, e depois, para mostrar sua coragem, fez o mesmo em seu proprio corpo. Mais tarde veio para a Europa, e dezenove annos

(1) *British Medical Journal*—Novembro 19, 1887.

depois desenvolveo-se n'elle a molestia, tornando-se um leproso confirmado.

O Dr. Hillis, ex-superintendente medico do asylo de leprosas da Guyanna ingleza, em carta dirigida ao *British Med. Journal*, de 5 de Novembro de 1887, communicou o seguinte:

« Um negociante de Demerara, cuja occupação como contractador de fornecimentos levava-o frequentemente ao asylo, tornou-se leproso. Por dez annos pelo menos, a mulher d'este individuo conservou-se isenta da lepra. O caso foi muito conhecido, e muitas vezes me interrogavam, diz elle, para explicar o como, se a lepra era de qualquer modo contagiosa, a mulher d'este individuo permanecia incolume.

Em Maio de 1886 esta mulher appareceo-me com symptomas bem caracterisados de lepra, e estava em tratamento quando deixei as Indias Occidentaes. »

Duas series de casos não menos frisantes que os de Macuamara foram referidos por Fletcher (*Canadian Journal of Medical sciences*) e White, e citados no *British Med. Journal* (Nov. 19, 1887).

« Betty Mac Carthy, da ilha Prince Edward, casou-se em 1836, adoeceu em 1852 e morreo de lepra em 1864. Teve cinco filhos.

- a. Richard morreo de lepra depois de 20 annos de molestia.
  - b. John morreo de lepra depois de 12 annos de molestia.
  - c. Mike morreo de lepra depois de 10 annos de molestia.
  - d. William morreo de lepra aos 21 annos d'idade.
  - e. May morreo de lepra depois de 6 annos de molestia.
1. John Doyle, marido de Mary, morreo de lepra depois de 6 annos de molestia.
  2. Duas filhas de Mary John e Doyle, morreram de lepra.
  3. John Brown, que foi enfermeiro de William Mac Car-

thy durante sua molestia, lavou-o depois de morto e enterrou-o, tornou-se leproso pouco depois e morreo d'esta molestia.

4. James Cameron casado com Mike Mac Carthy teve dois filhos d'ella, que eram sadios, mas elle mesmo foi atacado de lepra em 1870 e em 1881, epoca em que foi publicada a observação, estava muito mal.

Os casos referidos pelo Dr. White não são menos instructivos.

Em 1886 a lepra tinha desaparecido completamente da Luisiania.

N'essa epoca appareceo n'uma mulher, Madame Ourblanc, cujo pae era natural do sul da França. Esta mulher morreo em 1870, deixando seis filhos. Em 1871 appareceo a lepra no segundo, e em 1872 no mais velho e no quarto. A filha mais velha morreo de uma molestia aguda, a segunda tornou-se leprosa. Todos viviam na casa materna.

Em 1875 um sobrinho de Madame Ourblanc, que residia oito milhas distante, foi affectado de lepra.

Em 1873 manifestou-se a lepra n'uma rapariga, sem parentesco com a familia, que tinha servido de enfermeira a Madame Ourblanc no ultimo periodo de sua molestia.

Finalmente, desenvolveo-se ainda em um rapaz que morava algumas milhas distante da residencia dos Ourblancs, mas que tinha dormido junto com o quarto filho da familia, já leproso, em 1875.

Outros casos de lepra desenvolveram-se depois na vizinhança.

Casos como os acima referidos, diz o illustre redactor de um dos mais autorisados orgãos da imprensa professional, o *British Med. Journal*, — não podem escapar á noticia dos escriptores não profissionaes que tratam do assumpto, e sua publicação na imprensa periodica accessivel ao povo, e por

muitos lida, não pode deixar, creio, de espalhar a crença na natureza contagiosa da molestia. Com esta crença que se espalha associa-se a maior exigencia da stricta sequestração dos infelizes affectados de lepra. O instincto da propria conservação é muito forte em todas as communitades para permittir que materia de interesse vital, como esta, assente nos principios puramente abstractos da liberdade individual; e se ainda uma pequena minoria da profissão acredita na theoria do contagio, os temores e até preconceitos do publico em geral não são inopportunos para traduzir suas crenças em medidas activas de protecção. »

A importancia de todos estes factos a que alludimos, aos quaes poderiamos reunir muitos outros, certamente difficeis de explicar, a não ser pelo contagio, e a rapida propagação da molestia em alguns paizes tem feito surgir de novo a questão, quer na imprensa profissional, quer nas sociedades medicas e perante os governos dos paizes interessados.

Os relatorios dos medicos directores e das autoridades coloniaes em diversas possessões inglezas, denunciam que a molestia espalha-se largamente pelas populações, e a segregação dos doentes impõe-se como uma medida necessaria.

No imperio das Indias avalia-se em 135000 o numero de leprosos. Somente em Bengala calculava-se que existiam no anno passado 54000 individuos affectados de lepra.

A rapida propagação da molestia nas ilhas de Sandwich obrigou o governo a segregar os doentes n'um asylo na pequena ilha de Molokai. O padre Damien, virtuoso sacerdote belga, que offereceo seus serviços em 1873 aos infelizes enfermos, depois de 13 annos de constante trabalho e de inexcedivel dedicacão aos pobres asylados de Molokai com os quaes vivia, foi victima da terrivel molestia.

O descobrimento do bacillo da lepra, e os notaveis traba-

lhos de Hansen, Neisse, Köbner, Damsch, Leloir, Besnier e outros, vieram dar corpo à theoria do contagio da lepra.

Em Julho do anno passado o *Royal College of Physicians*, recondiderando a questão, emittio novo parecer que modifica notavelmente as conclusões do relatorio de 1867: « a commissão é de opinião que se ha na lepra quaesquer elementos de contagio, elles não são mais de receiar do que os da syphilis, que entretanto se considera commummente não justificar a segregação dos affectados, e acredita que a lepra não é contagiosa no sentido convencional do termo, e se o é, é somente em pequeno gráo e em circumstancias excepçionaes. »

Alludindo a este parecer e à communicacão que veio levantar novo alarma, feita pelo Sr. Besnier, distincto dermatologista do hospital St. Louiz, à Academia Franceza em 11 de Outubro de 1887, sobre a natureza, origem e propagação da lepra, diz ainda o erudito redactor do *British Med. Journal*: « O parecer da commissão não está de accordo com a opinião muito mais alarmante do Sr. Besnier, opinião apoiada em muitos factos aos quaes é impossivel fechar os olhos. Não ha duvida que em alguns paizes em que a lepra é commum, não se reconhece, ou mesmo nega-se o contagio, e ha muitos factos, taes como, a immuidade com que medicos e enfermeiros estão por muitos annos em relação com os leprosos, que parecem mostrar que a molestia não é contagiosa.

« É evidente que não é altamente contagiosa, por exemplo, no sentido em que a variola é contagiosa; mas n'uma questão d'esta especie poucos exemplos positivos de contagio valem mais do que um grande numero de casos negativos.

« Se está claramente demonstrado que em certos casos, ainda que poucos em numero, a lepra tem sido communicada de um individuo a outro, não só deve ser considerada moles-

tia contagiosa, mas ainda as pessoas extra-profissionais que tiverem conhecimento de taes casos, não se consolarão com as seguranças tranquilisadoras dos profissionais, que são por habito menos sujeitos às impressões alarmantes. »

« Já é tempo certamente de reunir e examinar os numerosos casos publicados de communicação da lepra pelo contagio, que têm apparecido nos varios paizes durante os ultimos vinte annos. »

O debate que acaba de travar-se trará nova luz à questão, e emquanto aguardamos o seu resultado reunamos elementos que podem esclarecel-a.

A. P. P.

(*Continua.*)

---

## HELMINTHOLOGIA

### ANKYLOSTOMA DUODENAL E ANKYLOSTOMIASE

Pelo Dr. ADOLPHO LUTZ

(Continuação da pag. 496)

#### I PARTE.—ANKILOSTOMA DUODENAL

A medida que o corpo cresce quasi exclusivamente no sentido longitudinal, o maior diametro transversal retrocede para a metade do corpo, afastando-se para a extremidade cephalica; assim o verme fica mais delgado e flexivel, de modo que póde encurvar-se e serpear, sendo tres a quatro o numero das ondulações concavas e convexas. Nesse interim o intestino toma uma direcção mais em linha recta e fica com os epithelios mais transparentes. Pouco a pouco os diametros, longitudinal e transverso, augmentam em proporção mais igual.

Logo depois da eclosão, a larva do dochmius, segundo Peroncito, tem, termo medio, 0,2<sup>mm</sup>. de comprimento e 0,014<sup>mm</sup>. de largura. Estas medidas na larva adulta são de 0,55 para 0,034<sup>mm</sup>.; ao passo que a proporção mutua no principio é de

1:14,3, depois é de 1:23,3. Para chegar a este tamanho ella precisa de quatro para oito dias, de modo que o augmento diario é de 0,0<sup>mm</sup>. 4. até 0,0<sup>mm</sup>. 8 de comprimento e de 0,001 a 0,002 de largura.

No fim deste tempo observam-se diversos phenomenos notaveis ; em primeiro logar forma-se uma especie de bainha ou envolucro que segue o contorno do corpo. A's vezes o verme enche completamente esta bainha de modo a apparecer duplo aquelle contorno ; outras vezes este envolucro é muito mais comprido, de modo a afastar-se da extremidade cephalica, ou caudal ou de ambas, á medida que o verme se move por dentro.

Quando o verme serpêa, forma-se nas concavidades uma elegante serie de dobras bem iguaes.

Esta bainha não é outra cousa senão a velha cuticula que fica conservada e distendida por um liquido secretado emquanto debaixo desta se forma uma nova membrana. E' a muda da pelle tão frequente no reino zoologico, mas, para assim dizer, interrompida antes de ser completa. A velha cuticula deste modo é aproveitada para formar um orgão protector.

Um facto analogo se observa nos embryões da filaria *bancrofti sive sanguinis hominis* emquanto circulam no sangue. Uma muda igual effectua-se no canal intestinal, desapparecendo as laminas chitinosas do estomago. Neste periodo o esophago e o estomago são menos amplos e formam um canal estreito com dilatações pouco distinctas. O rudimento genital não mostra ainda alteração apreciavel. Todo o corpo da larva é cheio de pequenas granulações gordurosas e por isso menos transparentes. Muitas vezes na bainha exterior da larva apparecem corpusculos brilhantes, dispostos com certa regularidade os quaes no principio não se alteram com a addição de acido, porém mais tarde são dissolvidos por estes. Entretanto, este ultimo phenomeno parece post-mortal, porque as larvas neste estado não mostram mais signal de vida.

• Quando as larvas têm chegado a este ponto de desenvolvi-



vento, no qual estão fechadas na bainha cutilar, não podem alimentar-se mais e não mostram desenvolvimento ulterior.

E' verdade que raras vezes ellas sahem deste envolucro, mas só para morrerem logo depois, de modo que este facto deve ser considerado como casual e talvez devido a influencias mecanicas que tenham lesado a capsula. Por outro lado o verme póde se conservar vivo por dentro desta capsula durante muito tempo, sem mostrar alteração a não ser que as granulações de gordura pouco a pouco sejam reabsorvidas e o verme fique mais transparente.

Póde ser conservado igualmente bem na agua, como em meios humidos, e até para o dessecamento parece mostrar mais resistencia do que em qualquer outro periodo. E' muito provavel que nesse estado deva ser transportado ao canal alimentar do homem para ter desenvolvimento ulterior. Corresponde isso mais ou menos ás observações feitas por Leuckart no *dochmius trigonocephalus* do cão.

Aqui a observação directa nos abandona e ficamos reduzidos a conclusões de analogia e supposições quanto ao tempo que requer o desenvolvimento ulterior. O *dochmius trigonocephalus*, segundo Leuckart, attinge a maturidade sexual tres semanas depois de ter sido introduzido. Para o *dochmius ankylostoma* o tempo não póde ser muito mais demorado, segundo observações por mim feitas. Parece que os vermes logo enkistam-se debaixo da mucosa do intestino, onde foram achados por Griesinger, Bilharz e ultimamente por Grassi enrolados em cavidades cheias de sangue.

Nos doentes por mim tratados, entre alguns milhares de vermes expellidos não pude achar um só no periodo de transição, o que por si só bastaria para provar que o desenvolvimento não tem lugar na cavidade intestinal. Entretanto Grassi uma vcz encontrou no exame das fezes um nematoide de o, 6<sup>m.m.</sup> de comprimento e com uma capsula boccal em forma de taça, que considero como o primeiro estado parasitario. Os vermes mais

pequenos que elle achou enkistados tinham 3<sup>m.m.</sup> de comprimento.

O *dochmius ankylostoma* não foi encontrado senão no homem e no gorilla por Leuckart, e no *gibbon* e num outro macaco *anthropide* por Leon Lavaillant. Assim, as experiencias tornam-se difficeis, mas podem ser substituidas pela observação de outros *dochmius hematophagos*, como o *dochmius caninus*, descoberto por Herculani, na Italia, e por mim constatado no Brazil.

Depois de conhecermos o desenvolvimento das larvas, é preciso indicar tambem as condições favoraves a este. A cultura póde ser feita de diversos modos, mas o meio mais simples e que corresponde ás condições naturaes consiste em conservar os excrementos de individuos infectados em uma temperatura de 25 a 30° c. e n'uma atmospheria bastante humida, condições que são realisadas, principalmente para o Brazil, na estação das chuvas.

A influencia directa dos raios solares e a dessecação matam as culturas, ao passo que as temperaturas baixas atrasam ou fazem parar temporariamente o desenvolvimento, mas não o interrompem definitivamente nas condições ordinarias.

( *Continúa* ).

---

## THERAPEUTICA —

### ESTUDO SOBRE A COCA E A COCAINA E SUAS APPLICAÇÕES THERAPEUTICAS Pelo Dr. JOSÉ PEREIRA REGO FILHO

(Continuação da pag. 507)

A quem pertencerá, pois, a prioridade da descoberta do alcaloide? A Pizzi, segundo a opinião de Torreti, antes citado; a Gardecke, que no dizer de Knapp, foi o primeiro que em 1855, deu-lhe o nome de *Erythroxilina* (75), a Percy ou a Nie-

(75) *Knapp*. Medical Record, 25 October 1884. Consulte-se tambem: *H. Armaignac* — De la Cocaine et principalement de son emploi en chirur-

mann? E' difficil resolver a questão; no entretanto parecia já tempo dos chimicos tratarem de determinar a quem de direito compete a prioridade, para não acontecer com o alcaloide, o mesmo que dá-se com a coca, pois, como bem diz Scrivener, depois de mostrar que ella fôra introduzida em Salta, provincia da Republica Argentina, ha cerca de um seculo, onde é frequentemente empregada por seus habitantes, assim como pelos camponios nos valles de San Carlos, Molinos e Renconado, é de lamentar-se que não tenhamos mais explicitos pormenores sobre a coca, o que é attribuido aos conquistadores do Perú, que foram indifferentes a tudo salvo o ouro e a prata, e que destruíram absolutamente o que tendia a tornar conhecido o paiz (76).

Que taes factos occorressem n'essa epoca malfadada, em que « o ouro por um lado e a escravidão por outro haviam amesquinhado os caracteres e aviltado os homens », cuja dissolu-  
gie oculaire pour produire l'anesthésie locale de la cornée et de la conjonctive. Revue clinique d'oculistique. Paris, 1884, IV, p. 249—267.

(76) Como, diz elle, a pag, 408 do *Medical Times* de Sept. 30, 1871 : — « é bem sabido que os Incas transmittiam a seus descendentes uma narração de suas leis, artes e sciencias, dando minucioso documento da grande prosperidade do paiz. Estas narrativas eram feitas de cordas de differentes côres, chamadas *quipos*, que segundo o Principe San Severo, servia-lhes como de alfabeto. Seria uma facil tarefa aos indios, que tinham adquirido conhecimento da lingua hespanhola, e que serviam como interpretes a seus conquistadores, terem decifrado os *quipos*; mas a indiferença dos ultimos a tudo o que era scientifico não tinha limites; estavam satisfeitos amontoando ouro e prata, e pedras preciosas, nada cuidando sobre a historia e costumes do paiz ».

Nada ha que admirar das occurrencias d'essa fatal epoca, pois, como não ha muito escrevia o intelligente boliviano Dr. Modesto Omiste: « a larguissima noite da coloniagem cobrio de espessas trevas o continente americano, sem que um raio de luz pudesse penetrar n'essa escuridão profunda. A' semelhança das plantas que crescem descoradas e debeis, debaixo das sombras da tapada folhagem dos bosques, vegetavam nossos antepassados, debaixo do despotismo hespanhol, não como homens senão como servos.

D. Modesto Omiste.—Velada Patriótica. Discurso pronunciado em 6 de Agosto de 1886. — Album Patriótico. Celebracion del aniversario de la Independencia de Bolivia en Potosi. Edicion Municipal, Agosto de 1886. Pag. 14.

ção social os havia acostumado a viver em trevas, e onde na phrase do autor citado a idéa da patria não existia, ou se mantinha latente sem dizer nada ao coração nem á cabeça, teriam justificativa; mas, no caso presente, em que trata-se de um descobrimento feito tão em nossos tempos, todo consagrado ao bem da humanidade, a censura é legitima, quando se extranha o pouco caso ligado pelos chimicos de todos os paizes, que sem darem importancia a um facto que já devia ter recebido solução dos homens da sciencia, vai tomando a formula de tradicção, que todos passam além, como outras tantas hypotheses que correm mundo, sem jamais haver esperanças de que sejam resolvidas.

Aceitando, porém, como mais fortalecida pela sancção do tempo já decorrido (24 annos), que parece dar de mão aos protestos levantados, a opinião dos que authorizam a crença de pertencer a Niemann a honra da descoberta, ou pelo menos aquelle, que mais felicitado conseguiu popularisar-se com o descobrimento, aliás, na opinião de alguns autores, annuciado antes por outros, vá tambem, como um facto de tradicção, aqui declarado, que ao discipulo de Woelher, pertence a descoberta do alcaloide, conhecido com o nome de *cocaina*, e cuja formula segundo Lowen, citado por Wurtz (77), é  $C^{17} H^{21} Azo^4$ , tendo como uma de suas propriedades mais notaveis desdobrar-se parcialmente ao contacto de um acido e de dous equivalentes de agua, em uma base nova, a *ecgonina*  $C^9 H^{15} Azo^3$ , em acido benzoico  $C^7 H^6 O^2$  e em alcool methylico  $CH^4O$  (78).

Contém tambem a folha outro alcaloide a *hygrina*, o qual é liquido, pardacento, volatil, de reacção alcalina, não amargo ao

(77) Bengnier—Corbeau, op. cit. p. 531.

(78) Holmes diz, no trabalho citado p. 529, que áquelles que se interessam pelas analyses chimicas será agradavel saber que a formula para a cocaina é  $C^{17} H^{21} N.O^4$ , emquanto em terminologia chimica é um *methylbenzomethoxyethyltetrahydropyridinacarboxylato*, emquanto a impureza ecgonina é meramente um *methoxyethyltetrahydropyridinacarboxylico acido*.

sabor, produzindo vapores brancos em presença do ácido chlorhídrico e dos ácidos voláteis, e pertencente á grande família das *Aminas*, e de cheiro semelhante ao da trimethyl-amina, isolado em 1862 por Woelher e Lossen, mas que é quasi desconhecido debaixo do ponto de vista medico, por serem apenas conhecidas as experiencias negativas de Woelher tentadas sobre coelhos, logo que foi descoberto o producto.

Sua origem vem de uma palavra grega que significa liquido, como ecgonina origina-se de outra palavra grega que significa filho, descendente.

Duquesnel, o experimentado chimico, e que serviços tão relevantes conta já no estudo dos alcaloides, em uma nota dirigida ao Dr. Laborde em 1.º de Julho de 1882, declara que as folhas de coca conteriam trez principios distinctos, desempenhando o papel de alcaloide, a saber: — 1.º a cocaina propriamente dita, crystallizada em agulhas brancas, inodoras, pouco soluvel n'agua, de sabor um pouco amargo, formando saes bastante soluveis e facilmente crystallisaveis; 2.º a cocaina, dita neutra, porque não tem acção sensível sobre o papel de *tourne-sol*, pouco soluvel n'agua, crystallisa e parece combinar-se com os ácidos e dar saes crystallisaveis; 3.º a cocaina liquida, producto xaroposo, soluvel n'agua, de reacção alcalina mui energica e quasi caustica sobre a lingua, saturando bem os ácidos (79).

Este chimico, no dizer de Sciaky retirou da folha de coca cerca de 3 por 1000 da primeira; 5 por 1000 da segunda e 3 por 1000 da terceira (80). Segundo Duquesnel as duas especies commerciaes de coca, a do Perú e a de Bolivia, mui differentes de aspecto, não se comportam da mesma maneira á analyse, sem contar que a coca se encontra muitas vezes no commercio misturada com outras folhas.

Poeppig, pretende que os principios activos da folha da coca

(79) *Duquesnel*. — Note sur la cocaine a Mr. le Dr. Laborde. *Journal de Pharmacie et de Chimie*—5.º série. Tome XI—1882.

(80) *Sciaky*, op. cit., pag. 51.

não encontram-se senão em mui pequenas quantidades nas folhas seccas, em consequencia de sua volatilisação, e que no fim de dez a vinte mezes, ellas tem perdido toda a sua acção. (Op. cit.)

Resta notar, que alem dos productos apontados, ainda encontra-se o acido *coca tannico*.

Resumindo o exposto, vê-se que a folha tem como principios constitutivos: 1.º A *cocaina ou erythroxilina*, alcaloide que se apresenta em pequenos crystaes incolores, prismaticos, de 4 ou 6 faces, pertencentes ao typo clinorhombico, de fraco cheiro aromatico agradavel e de um sabor amargo mui pronunciado cuja descoberta attribue-se a Niemann, e que tem segundo W. Lossen, a formula chimica seguinte:  $C^{34} H^{21} Azo^8$  (equiv.) ou  $C^{17} H^{21} Azo^4$  (atom.) (Sciaky). 2.º A *hygrina* que é liquida pardacenta, volatil, de cheiro semelhante ao da trimethylamina, pertencendo ao grupo das Aminas. 3.º A *ecgonina*, cuja formula é  $C^{18} H^{16} AzO^6$ , materia azotada, crystallizando em prismas rhomboides incolores brilhantes e que encerram uma molecula de agua de crystallisação, mais soluvel n'agua, menos soluvel no alcool absoluto e insoluel no ether (Wurtz). 4.º Emfim o acido *cocotannico*, que é um tanino particular (Munõz).

Reservando os pormenores, sobre a preparação e modo de extrahir a cocaina para um capitulo especial, passo desde já a occupar-me das preparações pharmaceuticas.

Até hoje as experiencias e estudos mais aperfeçoados, tem sido dirigidos unicamente no sentido de aproveitar os elementos contidos na folha, unica parte do vegetal utilizada em therapeutica. Conhecidos como foram os seus caracteres, na descripção minuciosa apresentada em nota, reproduzindo textualmente o que registrava o interessante escripto de Espinosa, incontestavelmente, n'este ponto, muito mais claro e expressivo do que o de Moreno y Maiz, aliás mui importante tambem, torna-se dispensavel voltar sobre este ponto. Pelo que, pondo á margem quaesquer ponderações, em as quaes podéra detêr-me a proposito, entrarei desde já na apreciação dos diversos meios

de que a officina pode lançar mão para prover a therapeutica.

Contam-se, como principaes preparações :—O pó, a infusão, a decocção, os extractos, os elixires, os vinhos, as pastilhas, suppositorios e pommadas.

A folha pode ser empregada em natureza, como diz Colombe, como mastigatorio á maneira dos peruanos, mas os enfermos accommodam-se mal a este genero de preparação. (81) Beugnier Corbeau, tambem é de opinião, que, quando pretenda-se que a preparação conserve-se por muito tempo em contacto com a mucosa gastro-intestinal ou que seja introduzida lentamente o melhor processo será o mastigatorio indiano, devendo notar-se, diz elle, que para evitar o esgotamento das folhas antigas, prescrever-se-ha frescas nas doses diarias de 6 a 10 e mesmo 15 grammas (82).

Si podesse conseguir-se vencer a repugnancia que offerece ao paladar este preparado assim tomado, seria de muita utilidade; mas, desde que ha outros meios de usal-o, melhor será prescindir d'esta forma de administração, porque poucas pessoas, a menos dos naturaes, já affeitos ao seu uso, atomariam com facilidade. Com verdadeiro sacrificio acceitariam esta prescripção, que é com effeito demasiado difficil de levar-se o que affirmo por experiencia propria.

Os pós que se conseguem porphyrisando as folhas, o que se alcança facilmente pela friabilidade que adquirem estas quando seccas, não offerecem indicação alguma, que as torne preferiveis ás folhas inteiras; além das fagúllas que vão á garganta incommodarem muito, postos na bocca formam facilmente com a saliva uma pasta mui pouco agradável, difficil de tragar (83).

Têm uma côr mais ou menos esverdeada, segundo o grau de

(81) Colombe (Gabriel) Etude sur le coca et les sels de cocaine. These de Paris n. 135—1885 p. 11.

(82) Beugnier—Corbeau op. cit. p. 548.

(83) Prescrevem-se os pós, misturados com o dobro de assucar, e na dose, por dia, de 10 a 12 grammas.

frescura das folhas; tendo o cheiro tão agradável como o das folhas, approximando-se menos da que tem o chá. São em geral pouco usados, servindo unicamente para o fabrico das pastilhas, uma boa preparação, mas á qual deve aggregar-se pouco de llipta, como faz Bain.

A infusão que é empregada no Perú, como succedaneo do chá, e usada por muitas pessoas, em vez deste, para combater as indigestões, é uma bebida agradável, apresentando uma cor esmeralda mui semelhante á do chá. Para empregal-a, deve ser regeitada a primeira agua por ser demasiadamente amarga, utilizando-se da segunda, que é não só mais agradável ao paladar, como tambem, segundo a opinião de muitos, mais forte. Uns preparam um infuso theiforme, segundo as regras magistraes, dando o producto trez vezes por dia com assucar, na proporção seguinte:—Folhas de coca 4 grammas, agua fervendo 50 grammas; outros preparam-na pondo:—Folhas de coca 10 grammas, agua fervendo 150 grammas.

De pleno accordo com as idéas de Espinosa, creio ser esta preparação mui pouco activa, porque a coca apenas cede á agua alguns de seus principios, não devendo dar-se-lhe outro emprego que o de substituir ao chá depois da comida, como adjuvante da digestão; não sendo contra indicada tambem nas indigestões ligeiras, por aggregar-se á acção dos principios que póde conter, o estímulo que exerce sobre o estomago um liquido quente. Grossourdy, é de opinião que o influxo de coca estimula o estomago, favorecendo a digestão mais do que todas as bebidas conhecidas.

A decocção está condemnada; acreditam todos aquelles que tem-se occupado do seu uso, que é uma má preparação. Não offerece a menor garantia, pois não encerra as propriedades da planta, devido á decomposição que o calor occasiona sobre os principios activos da coca e pelo pouco poder dissolvente que a agua quente tem sobre este alcaloide.

Não ha uma opinião divergente sobre o seu uso; todos a classificam como uma má preparação, idéa bastante racional,



para que seja este modo de utilizar a planta inteiramente bannido da therapeutica.

Outrotanto não se pôde dizer da tintura, que é uma preparação mui vantajosa, tendo em conta que o alcool dissolve bem a cocaina. Prepara-se por maceração durante 10 dias, na proporção seguinte: Folhas de coca em pó 1 parte, alcool de 36° C. 5 partes. Ella apresenta-se com uma linda cor verde carregada, tendo o cheiro tão agradavel como o das folhas. Actuaria, segundo Demarle, vivamente sobre a bocca e gengivas. Pode ser utilizada para preparar os vinhos de coca. Segundo Soudée, que tambem a considera uma boa preparação, por isso que ella encerra a cocaina, que é solúvel no alcool, como antes disse, se prepara do seguinte modo:—Trata-se em um aparelho de deslocação, as folhas, grosseiramente pulverisadas pelo alcool, e deixa-se em contacto durante algumas horas, duas ou tres horas por exemplo, bastam amplamente; de mais isso depende sobretudo da grossura dos fragmentos das folhas divididas (84).

Espinosa preparando-a com o fim de obter o extracto, como elle diz, tomou meia libra de coca e a poz em maceração por sete dias em duas libras e meia, ou seja o quintuplo de seu pezo de alcohol a 36°, aggregando-lhe dois grammas de uma mistura de cal hydratada e proto-carbonato de potassa, e uns 500 grammas de ether sulphurico.

A razão que teve para introduzir essa modificação no processo ordinario é que, por meio d'essa *Ulipta artificial* (os alcalis), como escreve, favoreceria o desprendimento da cocaina, vindo assim a imitar um pouco sua preparação. Sendo o ether o melhor dissolvente d'este alcaloide, pareceu-lhe, pelo menos racional, ajuntar uma certa quantidade d'elle, ainda quando não fóra um processo mui usado. D'esse modo conseguiu uma tintura ethereo-alcoolica, com todos os principios da planta. A formula da tintura, segundo o Codex é:—Folhas de coca grosseiramente pulverisadas 100, alcool a 60°, 500.

(84) Soudée (Louis) Etude Synthétique sur le coca. Paris 1874—p. 12.

Os dous extractos, que se podem fazer das folhas de coca são mui ricos, diz Moreno y Maiz. Sua cor é de um verde carregado, cheiro fortemente aromatico, sabor acido e pouco salino; são mui hygrometricos. Obteve de 20 a 24 por 100 de extracto aquoso e 25 a 30 por 100 do extracto alcoolico.

Colombe, entendendo que a acção prolongada do calor destroe o principio activo, acredita que tanto os extractos aquosos, como os alcoolicos, a menos de que substitua-se á evaporação pelo calor a evaporação no vacuo, como crê Moreno, é uma má preparação.

Moreno aconselha abandonar n'este caso o processo seguido em pharmacia para a preparação dos extractos, por parecer-lhe defeituoso em razão de que o calor elimina certos corpos volateis, cuja acção não pode ser duvidosa. Acredita que á evaporação pelo calor deve ser substituida a que faz-se no vacuo, afim de conservar os principios activos da planta. (Op. cit. p. 29).

Genevoix, citado por Gone, para conhecer o pezo do extracto secco, tem operado sobre 5 gr. 50 cent. do extracto, em consistencia pilular, e depois de ter seccado sobre um prato, obteve 40 gr.; por conseguinte 8,80 gr. de extracto secco, correspondente a 29 gr. de folhas seccas.

Espinoza, querendo preparar o extracto, confiou a Kyle, do Collegio Nacional de Buenos-Ayres, a tintura de que antes dei conta. Alli, por meio do aparelho de deslocação, se esgotaram as folhas uma vez mais de todos os principios activos que ainda poderiam contêr. A tintura, assim preparada, foi evaporada a temperatura que oscillava entre 55° e 60°; porém sem passar este limite, de modo que a acção do calor não podesse decompôr a cocaina. Obteve assim, da meia libra de coca convertida em tintura, 42 grammos de um extracto de consistencia pilular, bastante parecido por seu aspecto e seu cheiro ao da *cannabis indica*, de cor verde mui escura, e de sabor amargo (Op. cit. p. 331).

( Continúa ).

## REVISTA DA IMPRENSA MEDICA

### Paralysis obstetrica do membro superior.—

O *Bulletin Medical* publica uma lição do professor Budin sobre um caso de paralysis do membro superior, que se manifestou n'um recém-nascido, paralysis realisando o typo da paralysis radicular superior ou paralysis de Erb, em que o deltoide, o subespinhoso, o biceps, o brachial anterior e os supinadores estavam paralysados.

As paralysias deste genero explicam-se ou pela pressão dos dedos ao longo do pescoço nas manobras de extracção ou pela pressão produzida pelas colheres do forceps.

Estas paralysias se produzem até no parto espontaneo ; pode-se admittir então que se o diametro biacromial é exagerado, acha-se comprimido em suas duas extremidades, e as clavículas impellidas para traz, contudem os ramos do quinto e sexto pares.

O diagnostico das paralysias obstetricas do membro superior nos dias que se seguem ao nascimento, não apresenta em geral muitas difficuldades. Poder-se-hia confundil-as com uma fractura do humerus ou da clavícula ou com uma luxação da espadua, se é que esta ultima possa ser observada logo depois do parto. Um exame um pouco attento das partes permittirá evitar todo engano.

A paralysis infantil não sobrevém, por assim dizer, nunca immediatamente depois do nascimento, e não temos portanto que nos occupar della.

Uma paralysis de origem cerebral poderia ser tomada por uma paralysis radicular do membro superior, mas a localisação toda particular dos symptomas em certos musculos esclarecerá o diagnostico.

A paralysis obstetrica do membro superior tem, em geral, um prognostico benigno, a cura sobrevém habitualmente, e ás vezes até muito rapidamente. Entretanto não se deve ignorar

que a paralyasia pode persistir e tornar-se incuravel. Muitos exemplos della tem sido referidos.

No fim de algum tempo vê-se, como consequencia da affecção, sobrevir atrophia muscular, e esta atrophia se dá não só nos musculos paralyzados, mas estende-se aos outros musculos do braço e do ante-braço, em consequencia da inacção em que ficam.

Não é tudo: em consequencia sem duvida do predominio de acção do musculo sub-escapular, que attrahe a extremidade superior do humerus para o tronco e lhe imprime um movimento de rotação para dentro, pode sobrevir uma luxação sub-acromial.

Comquanto a cura espontanea seja a terminação mais frequente, podendo dar-se o contrario, convém examinar com cuidado a contractilidade electrica dos musculos. Nos casos em que a contractilidade não reapareça rapidamente, é preciso, afim de activar a cura, recorrer á electrotherapia.

Do conjuncto destes factos pode-se tirar algumas conclusões praticas sob o ponto de vista operatorio.

Quando se applica o forceps sobre a cabeça que precedendo o corpo, sobretudo quando ella está inclinada, é preciso ter cuidado de não lesar com a extremidade das colheres muito profundamente introduzidas, os filetes nervosos do plexo brachial.

Quando se pratica a extracção manual da cabeça, que vem depois do tronco, deve-se ter cuidado em não exercer pressão sobre as partes lateraes da columna vertebral, não apoiar sobre as clavículas os dedos recurvados em ganchos, não recorrer a manobras violentas para operar a deflexão dos braços, não puxar muito fortemente pelos membros superiores.

E' com effeito nestas condições que se tem visto mais habitualmente sobrevirem paralyrias radiculares do membro superior. (*Journal de Médecine et de Chirurgie Pratiques*).

O sulfonal, novo medicamento somnifero, pelo professor A. Kast, de Fribourg.— O sulfonal, producto da combinação do ethylmercaptan e da acetona tem por formula  $(\text{CH}_3)_2\text{C}, (\text{CO}^2\text{C}^2\text{H}_5)^2$ .

O professor Baumann, de Fribourg, que primeiro realisou esta combinação, lhe deu o nome *diethylsulfondimethylmethan*, pela applicação dos principios que regem a terminologia chimica. O nome de sulfonal foi substituido a este termo demasiado longo para commodidade da linguagem.

O sulfonal se apresenta sob a forma de pequenas placas crystallinas, sem cor, sem cheiro e sem sabor. Estes crystaes dissolvem-se em vinte vezes seu peso de agua fervendo. N'uma temperatura media é preciso mais de 100 partes d'agua para dissolver uma parte do sulfonal. Este se dissolve mais facilmente no alcool e no ether alcoolisado. Não é atacado pelos acidos, nem pelas bases, nem pelos agentes de oxydação em geral: acido sulfurico concentrado, acido azotico fumegante, agua regia, chloro, bromo, etc., a frio como a quente. Uma serie de experiencias, das quaes vou dar noticia levaram o professor Kast a apresentar o sulfonal como um medicamento somnifero de grande valor, quando é empregado em circumstancias determinadas; estas serão indicadas mais adiante.

*Experiencias sobre os animaes.*—A primeira vez o sulfonal foi administrado a um cão, em rasão de 2 grammas de substancia medicamentosa para um peso corporal de 10 kilogrammas. Cerca de meia hora ou tres quartos depois da ingestão do medicamento, o animal, que se tinha deixado em liberdade, apresentava desordens dos movimentos, sobretudo nos membros inferiores. Estas desordens, que o autor qualifica de ataxicas, invadiam depois os membros anteriores e o tronco; o animal a muito custo se mantinha em equilibrio. A falta de coordenação motriz ia augmentando; em breve o animal cambaleava, caminhando como se estivesse embriagado; batia contra os objectos que encontrava em caminho. Finalmente cahio sobre o sólo sem poder levantar-se sobre as patas. Nesta posição não tardou

a adormecer; a modorra deu lugar a um somno profundo e calmo, de duração bastante longa. Ao sahir deste somno o animal apresentava ainda alguma incertesa nos movimentos. Depois ficava alerta, punha-se a comer, e em pouco tempo não restavam mais vestigios de um effeito consecutivo á ingestão do sulfonal

Repetindo a experiencia em outros animaes, principalmente em cães robustos, demonstrou que o effeito somnifero do sulfonal não se manifesta sempre; tudo se reduz, muitas vezes, ás desordens ataxicas assignaladas mais acima. Estas, pelo seu character, eram, segundo toda a apparencia, o resultado de uma acção do medicamento sobre o cortical cinzento do cerebro. Tendo adquirido a prova da innocuidade relativa do sulfonal, por um grande numero de experiencias feitas em animaes, o Dr. Kast decidio-se a experimentar o novo medicamento no homem.

A primeira serie de observações teve lugar em 20 individuos de boa saúde, homens vigorosos, de meia idade, entre os quaes 7 medicos. Deduzio-se d'ahi esta primeira conclusão, — que o sulfonal administrado a um adulto, na dóse de 3 a 4 grammas, não produz nenhum effeito nocivo, immediato ou consecutivo. Eis as modificações funcçionaes, que um estudante que se tinha prestado a estas experiencias notou em si mesmo, depois da ingestão de 3 grammas de sulfonal.

C. B. 28 annos. Jantar a 1 hora da tarde. A's 3 horas e 45 minutos, pulso 84. Resp. 17. Temp. 37°. A's 4 horas ingestão de 3 grammas de sulfonal. A's 4 horas e 15 minutos, pulso 85. A's 4 horas e 50 minutos, pulso 83. A's 5 horas e 15 minutos, pulso 85, sensação de peso na cabeça, somnolencia. A's 5 horas e 45 minutos, a somnolencia persiste; pulso 86. A's 6 horas e 15 minutos, o peso da cabeça é menos pronunciado; pulso 80. A's 6 horas e 45 minutos, pulso 60. A's 7 horas e 15 minutos, pulso 86. A's 8 horas e 15 minutos, pulso 83; a somnolencia persiste, mas dissipa-se finalmente, tendo o individuo procurado distrahir-se em sociedade, em lugar de ceder ao somno. Noite calma,

ao despertar nem o menor vestigio de um effeito desagradavel.

Os resultados foram, com pequena differença, os mesmos na maior parte das pessoas de boa saúde que se submeteram ás experiencias. Somente em pequeno numero seguiu-se um somno profundo, de muitas horas de duração, aos effeitos acima referidos. Outros, pela maior parte convalescentes, que se restabeleciam de affecções chirurgicas; nada absolutamente sentiram.

Depois foram feitos ensaios com o sulfonal n'uns sessenta doentes, pela maior parte nevropathas accomettidos de insomnias nervosas, doentes atacados de uma affecção cerebral. Neste numero achavam-se alguns casos de insomnia nos velhos, e casos de insomnia em relação com uma affecção febril aguda ou ainda com uma affecção cardiaca.

Exceptuando um só caso, o effeito somnifero foi obtido de um modo constante.

Eis como as cousas se passavam habitualmente: Meia hora pelo menos, duas horas no maximo depois da ingestão do medicamento (dóse 2 ou 3 grammas) produzia-se um somno calmo, de cinco a oito horas de duração, ao sahir do qual os doentes se sentiam reconfortados sem experimentar o menor effeito desagradavel, salvo algumas vezes uma sensação de ligeira fadiga. Durante o somno o pulso e a respiração eram simplesmente um pouco enfraquecidos, como acontece durante o somno physiologico. Nunca a medicação causou perturbações digestivas, e até foi bem supportada por um doente que soffria de um catarrho agudo do estomago. Nunca seguiu-se a menor perturbação da motilidade, comparavel ás desordens ataxicas assignaladas mais acima.

Pelo que diz respeito somente á acção do sulfonal sobre a pressão sanguinea, um collega do Sr. Kast, o Sr. Kries, fez experiencias sobre cães, e d'ellas resultaram a prova de que nos animaes a administração de fortes dóses de sulfonal não traz abaixamento da pressão intra-vascular.

Determinações graphicas, feitas com um aparelho registrator que permite medir com precisão a força do pulso no homem são, igualmente forneceram a prova de que o sulfonal, ainda administrado em altas doses, não exerce nenhuma influencia nociva sobre o coração e os vasos.

O medicamento foi administrado a uma mulher de 30 annos, que apresentava os signaes de uma insufficiencia aortica e de um estreitamento mitral. O pulso era pequeno, irregular e acelerado; existia um infarctus pulmonar em via de regressão, e junto a tudo isto insomnia. Fez-se tomar á doente, com quatro dias de intervallo, duas doses de 1 gramma de sulfonal. O resultado foi muito satisfactorio; não se produziu nem acceleração do pulso, nem aggravação das outras perturbações cardiacas.

Emfim, analyses spectraes e microscopicas demonstraram que o sulfonal, ainda quando é administrado a um animal em doses toxicas, não altera os elementos constituintes do sangue.

Não parece tambem que o medicamento seja d'aquelles cujo uso traz promptamente o habito, a julgar ao menos pelas observações feitas até hoje, mas que não abrangem um periodo bastante longo para autorisar um juizo definitivo.

O modo de administração do medicamento é dos mais simples. Dá-se-o em substancia, em doses de 1 gramma, envolvido em pão azymo ou em suspensão n'agua. Sua insipidez dispensa o emprego de um correctivo, e facilita além disto a administração do sulfonal ás pessoas que se recusam a tomar medicamentos, aos dementes, por exemplo. Em taes circumstancias far-se-ha simplesmente absorver o sulfonal em suspensão em leite quente, chá, ou em alguma outra bebida, tendo cuidado de fazer reduzir previamente a substancia medicamentosa a pó muito fino.

As modificações que soffre o sulfonal no organismo não são ainda bem conhecidas. Uma cousa é certa, é que o medicamento é eliminado pela maior parte sob a forma de uma outra combi-



nação sulfurada (acido sulfonico). Não se conhece reacção característica que permitta verificar a presença do sulfonal nas urinas.

Em resumo, segundo as apreciações do Sr. Kast, possuímos no sulfonal um medicamento somnifero de grande innocuidade e cujo emprego é indicado sobretudo nos casos em que é preciso auxiliar a necessidade de somno que se manifesta com sua periodicidade normal; mas o sulfonal pode tambem provocar esta necessidade.

Mais acima fez-se referencia a um doente refractario á acção somnifera do sulfonal. Era um homem de 72 annos, affectado de uma paralyisia grave, atacado consecutivamente de demencia, e preza de uma violenta agitação que durava noite e dia. Não se conseguia calmal-o, senão fazendo-o tomar chloral.

(*Berliner Klin. Wochenschrift e Gaz. Med. de Paris*, Maio, 1888.)

---

## METEOROLOGIA

### RESUMO DAS OBSERVAÇÕES METEOROLOGICAS DO MEZ DE MAIO DE 1888

Pelo Cons. Dr. ROSENDO A. P. GUIMARÃES

A temperatura média do mez foi 25°,75; no mesmo mez do anno passado 25°,61. A temperatura ao sol, na média, 36°,50; no mez do anno passado 35°,75. A temperatura maxima 27°,50; no mez do anno passado 27°,25. A minima 24°,00; no mez do anno passado 23°,50. A média maxima dos dias 26°,34; no mez do anno passado 26°,16. A média minima das noites 24°,85; no mez do anno passado 24°,79.

A pressão barometrica média, observada no barometro 759<sup>mm</sup>,33, e calculada a zero 765<sup>mm</sup>,16; no mez do anno passado foi esta 757<sup>mm</sup>,09.

O pluviometro marcou 247 millimetros de agua de chuva, iguaes a 9 litros, 880; no mez do anno passado marcou 261

millímetros, iguaes a 10 litros, 440; differença para menos 14 millímetros, iguaes a 0 litro, 560.

Os ventos foram irregulares e variados, os mais regulares foram os de E e S, entremeando-se os de N, NNE e ESE.

Houve 9 dias de chuva e 1 de trovoada; no mez do anno passado 14 dias de chuva, sem trovoada.

O hygrometro oscillou entre 83° e 92°.

---

## BIOGRAPHIA

### DR. ANTONIO LUIZ PATRICIO DA SILVA MANSO

Conheci-o no anno de 1836, quando achava-se no Rio de Janeiro, como deputado á Assembléa legislativa pela provincia de Matto-Grosso.

Vinha em alguns domingos jantar com minha familia.

Como o conheceu meu pae, ignoro: não me occorreu perguntar-lhe em quanto foi vivo. Este conhecimento não provinha da politica porquanto meu pae era completamente estranho a ella.

A leitura do artigo de R. G. D., no *Almanach Litterario de S. Paulo*, de 1879, foi que me despertou a idéa de escrever esta noticia biographica.

Patricio Manso era um tanto moreno, alto de estatura, musculoso, de hombros largos e um tanto gordo, tinha a cabeça grande, cabellos pretos, duros, grossos, corredios; eram regulares os lineamentos do rosto. Ao vel-o dir-se-hia que corria-lhe nas veias o sangue dos antigos indios Cayapós ou Guaranys.

A voz, pausada, descansada em certas syllabas tinha o sotaque mui pronunciado dos filhos da provincia de S. Paulo.

Trajava muito simplesmente. Toda sua pessoa tinha seu tanto de grosseiro e austero, como de um homem exercitado por igual nas luctas do corpo, nas viagens por terra e nas fadigas do espirito. Um typo de homem que escapou aos excessos da sensuabilidade, das bebidas fermentadas, das vigalias, que estragam a saude dos habitantes das grandes capitaes.

Mostrava ter vivido sempre fóra da *malaria urbana*, tão sadia era a sua constituição.

---

Em relação ao seu nascimento reproduzirei o que no *Almanach Litterario de S. Paulo, 5º anno (S. Paulo 1879)*, publicado por José Maria Lisboa, escreveu R. G. D.

Estas tres iniciaes occultam o nome do respeitavel ancião e distincto medico, Dr. Ricardo Gumbleton Daunt, que reside ha mais de 44 annos em Campinas, onde o conheci e tive o prazer de relacionar-me com elle, quando ha uns 15 annos estive 48 horas de passeio nessa importante cidade.

Eis o que se lê á pagina 38 do citado Almanach :

«.... Seria o cumulo da injustiça deixar de mencionar o nome do respeitavel clinico Antonio Luiz Patricio da Silva Manso, cujos vastos conhecimentos scientificos e litterarios, e cujos arrojados sentimentos politicos tornaram-o uma das notabilidades brazileiras.

« Filho de Santos, de lá veio com seus paes, que possuiram em Campinas um engenho de canna, sendo seu pae notavel pintor, cujas obras se vê na matriz da cidade de Itú, e difficilmente seriam egualadas hoje. Pae e filho morreram em Campinas. A irmã do cirurgião Patricio empregava-se no ensino de meninas e mereceu a confiança de muitos chefes de familia».

---

Habilitou-se perante o Protomedicato como licenciado, prestando exame em Itú. Diz-me o Sr. Dr. Gumbleton Daunt

haver ainda chegado a conhecer um dos examinadores, o cirurgião Francisco Mariano da Costa, que morreu ha poucos annos, tendo 94 de idade.

Nos tempos coloniaes quem não podia ir a Coimbra formar-se, estudava nas escolas secundarias que existiam em algumas provincias ou com os physicos móres. Os licenciados do Protomedicato exerciam a medicina e a cirurgia a par ou em competencia com os experientes ou curandeiros. Entretanto os Protomedicatos deram homens notaveis, como o cirurgião paulista Francisco Alvares Machado e o não menos insigne, filho da provincia de Minas-Geraes, Candido Gonçaves Gomide, cujos escriptos são ainda actualmente lidos com muito proveito e frequentemente citados.

Patricio Manso foi mandado para a provincia de Matto-Grosso como empregado da repartição da Fazenda.

Em 1832 era na capital dessa provincia director de um jardim botanico que alli creou, mas de que actualmente nem vestigios existem. Comquanto empregado da repartição da Fazenda, exerceu gratuitamente os serviços medicos e chirurgicos nos hospitaes militar e civil da localidade.

Em 1833 foi presidente da sociedade *Zelosa da Independencia*, secretario do governo provincial e delegado do governo geral para examinar com outros a administração anterior. Serviu tambem, nesse anno, como escrivão da meza da assembléa eleitoral na apuração de votos para juizes de paz.

Em 30 de Maio de 1833 foi pela Camara municipal reconhecido deputado pela provincia de Matto-Grosso em virtude da maioria de 22 votos sobre o seu competidor, o então capitão de engenheiros Manoel Peixoto de Azevedo, que nessa época era morador no Rio de Janeiro e lente da Academia militar.

Patricio Manso partiu de Cuyabá em fins de 1833 ou principio de 1834, como se deprehende de um officio dirigido a então presidente da provincia, Antonio Correia da Costa, em que se desculpava para com o Conselho de não poder comparecer por estar a sahir para o Rio de Janeiro. Esse officio ainda existe archivado na secretaria da presidencia da provincia, segundo me informou o meu amigo Dr. Americo Rodrigues de Vasconcellos, major de engenheiros, residente em Cuyabá. Infelizmente não me enviou a copia desse officio.

Patricio Manso não tornou mais a ser eleito deputado, nem me consta que tivesse voltado a Matto-Grosso.

O official de engenheiros Peixoto de Azevedo foi quem representou essa provincia na Camara dos deputados, depois d'elle.

A memoria do nome de Patricio Manso não é nada estimada em Matto-Grosso pela cooperação que lhe attribuem na carnificina de maio de 1834.

Sendo esta carnificina ou revolução de origem politica ficaria a ella estranho Patricio Manso que acabava de ser eleito deputado e ausentava-se do lugar poucas semanas antes de tão lamentaveis acontecimentos?.....

---

Escrevendo este ligeiro, incompleto e imperfeito esboço biographico soccorrendo-me de minha memoria em factos acontecidos ha tantos annos, não tendo possibilidade de consultar documentos nem pessoas, nada posso aclarar a respeito da autoria de Patricio Manso nessa revolução ou matança. Assim como nada posso dizer em relação ao papel que representou no parlamento.

Provavelmente muito secundario, porquanto nunca me constou que elle fosse orador nem tenho visto citado seu nome, senão quando se trata de botanica ou de materia medica brasileira.

Foi em 1836, no tempo em que esteve no Rio de Janeiro como deputado, que Patricio Manso apresentou á Academia Imperial de Medicina do Rio de Janeiro a notavel monographia. — *Enumeração das plantas brazileiras que podem promover a catharze. Rio de Janeiro. — Typographia Nacional, 1836, in 4º peq. de 52 paginas.*

Esse escripto foi coroado pela Academia.

E' uma obra rarissima e por isso menos conhecida do que merece ser. A Bibliotheca da Faculdade de medicina do Rio de Janeiro possui um unico exemplar. Julgo não existir na da Faculdade da Bahia, pois não a encontrei no cahotico catalogo desta Faculdade publicado em 1876.

A memoria coroada de Patricio Manso é o mais completo e perfeito trabalho que possui a litteratura medica brasileira sobre este ponto da materia medica e therapeutica.

Das plantas indigenas medicinaes que produzem a catharze e que tanto abundam entre nós, são mencionados por Manso os differentes nomes populares e scientificos, familia, genero, caracteres geraes e especiaes com o maior esmero, cuidado e exactidão.

Um escripto desta ordem implica necessariamente apreciações que dependem de observações clinicas ou praticas, a que eu chamarei neste caso — therapeutica applicada: no trabalho do sabio paulista laureado pela Academia de medicina, encontra-se isso. A clinica hospitalar e os seus grandes conhecimentos botanicos o guiaram na composição desta importantissima publicação, unica, póde-se dizer, no seu genero entre nós.

Examinando os papeis deixados por Manso, encontrou o Sr. Dr. Ricardo Gunbleton duas cartas a elle dirigidas pelo illustre botanico *Carlos Frederico Philipe de Martius*, que testemunham a importancia que ligava á sua correspondencia.

Patricio Manso exerceu por muito tempo a medicina sempre revelando superior juizo clinico.

---

Desde moço tornou-se misanthropo, tendo procurado suicidar-se com laudano de Sydenham por se lhe haver negado em casamento uma senhora da antiga nobreza de S. Paulo.—Esta tentativa de suicidio seria prodromo da loucura vesanica de que foi atacado mais tarde! Para alguns alienistas o suicidio é sempre um acto que gravita na orbita da alienação mental.

---

Em 1842 esteve preso como suspeito de achar-se comprometido na tentativa de revolução d'aquelle anno em S. Paulo.

Esta rebellião teve por causa as leis de refórma do codigo do processo e do conselho de Estado, decretadas pela Assembléa Geral em fins de 1841, como medidas exigidas pelo interesse publico. Feitos os regulamentos para execução dessas leis, algumas camaras municipaes, pretextando varios motivos, retardaram a posse dos empregados, que, nomeados pelo governo, tinham de executar a lei de 3 de Dezembro. As medidas energicas de que se sccorreu o governo e a dissolução da camara quatriennial levaram os descontentes ao rompimento.

Esse rompimento sedicioso principiou e terminou sem se disparar um tiro.

---

Patricio Manso, pelos empregos que occupou em 1833, representou na provincia de Matto-Grosso importante papel na politica, que nessa epoca era extremada e agitadissima até na capital do imperio. Basta recordar que em 1834 e 1835 tiveram logar o banimento do ex-Imperador, o Acto Adicional, a eleição do padre Feijó para Regente.

O estado de voragem em que, em 1834, se achou Cuyabá até que João Popino lograsse açamar a anarchia, bem que já ella

tivesse devorado centenas de victimas, entre as quaes se encontravam pais de familia e pessoas illustres da provincia de Matto-Grosso era o effeito de ideas politicas em uma provincia remota e atrasada onde as paixões se expandiam sem nenhum constrangimento legal nem moral.

Essa carnificina teve por causa o exaltamento dos partidos politicos. Os portuguezes, com razão ou sem ella, eram tidos em conta de amigos e apaniguados de D. Pedro I, de restauradores. Por essa razão foram os que mais soffreram. Embalde o venerando bispo, escreveu Indalecio Randolpho Figueira de Aguiar, que residiu 6 annos em Cuyabá e prefaciou o livro de Joaquim Ferreira Moutinho a que mais adiante me refirirei, com um crucifixo nas mãos, percorrendo as ruas da cidade obsecrava os insanos e intercedia com elles pelas vidas destes infelizes. Debalde! Respondiam-lhe—temos ordem da Regencia, é preciso exterminal-os.

Varios facinoras que praticaram taes atrocidades foram condemnados uns á pena capital, outros á galés; frustrou-se em parte a justa austeridade dos tribunaes, porque alguns, aproveitando circumstancias favoraveis evadiram-se das prisões.

Joaquim Ferreira Moutinho, que viveu 18 annos na provincia, donde se retirou em 1869 para Portugal, sua patria, referindo-se ao morticínio de 1834, muito ligeiramente fallou deste triste acontecimento. Apenas escreveu no interessante e importante livro — *Noticia de Matto-Grosso — S. Paulo, 1869*, o seguinte :—«A carnificina de 1834 é o ponto negro no céu d'aquelle torrão e o pesadello ainda de muitos individuos, de cujas memorias o espaço de sete lustros não tem podido afugentar as imagens de suas victimas».

Ainda em relação a revolução de 1834, Ferreira Moutinho, que teve, segundo diz, em mão muitos documentos e queimou-os, narra o seguinte facto :—«O coronel João Popino Caldas fazendo seguir para o Rio de Janeiro, encorrentadas,



cineo pessoas cujos nomes omittimos por conveniencias, accusando-as de terem sido cabeças da revolução, inimisou-se com grande parte da população da capital, e depois da chegada desses prisioneiros, absolvidos na corte, no dia 9 de Maio de 1835, á tarde, em frente a sua propria casa, recebeu um tiro de clavina com bala de prata, pelas costas, sendo seu matador, segundo muitas testemunhas que ahi ouvimos, um celebre matador que estava preso na cadeia donde fôra tirado para commetter esse crime, depois do qual se retirou impune para Paconé, onde vivia até pouco tempo. ( pag. 175 ).»

A' Patricio Manso attribuiram alguns a urdidura da revolução ou morticínio de 1834.

Acredita-se que alguns parentes das victimas dessa hecatombe enviaram a Campinas emissarios a ver se conseguiam assassinal-o. Patricio Manso viveu algum tempo sob a ameaça de uma vindicta.

Este sanguinario drama parece que de algum modo reflectiu sobre sua tranquillidade e vida.

Tambem a sua casa na fazenda ou propriedade rustica, foi por vezes assaltada por ladrões, porque vulgarmente se cria que elle trouxera barras de ouro de Cuyabá.

Esta crença fundava-se na reconhecida riqueza aurifera da provincia.

Tinha em sua companhia Patricio Manso quando o conheci em 1836 no Rio de Janeiro um filho que orçava uns doze a treze annos de idade. Era a unica pessoa da familia que trouxera comsigo, quando veio tomar assento na Camara dos deputados.

Esse unico filho varão afogou-se n'um tanque. Tanto esmerava o pae a educação do filho que estudou já adiantado em annos a lingua grega para poder ensinar-lhe. Com esse filho brinquei eu nos tempos da nossa commum meninice. Já então

o pae obrigava-o servindo de mestre a estudar esculptura, para o que mostrava muita aptidão Ignoro os progressos que fez posteriormente. Era muito timido diante do pae, que o tratava de modo pouco caricioso.

Creio que Patricio Manso não aprendeu esculptura. Onde havia elle de aprendel-a não havendo mestre na sua provincia, donde só saio quando entrou na vida publica? Ensinava o filho obrigando-o a imitar o modelo.

Seus desgostos aggravaram-se com a morte deste filho, que ignoro em que época teve logar.

Os acontecimentos de Cuyabá e a morte do filho acabaram por perturbar o espirito já misanthropico de Patricio Manso, e produziram essa fórma de loucura parcial a que se deu o nome de *delirio das perseguições*, em falta, como diz Laségue (*Archives de médecine, pag. 129—Paris 1852*), de outro melhor termo.

Sob a pressão de tal estado pathologico vivia por ultimo este notavel filho da provincia de S. Paulo, quando foi assassinado nos cafezaes de sua fazenda, em Campinas, aos 17 de Janeiro de 1848. Matou-o um tiro de bala descarregado por um moço carpinteiro, natural de Itú, cujo irmão havia sido tambem assassinado, sendo a morte deste imputada a Patricio Manso.

A matança ou revolução de Cuyabá, em 1834, cujo plano se lhe attribue, este assassinato e mais outros que lhe são imputados envolvem de um modo luctuoso o nome desse homem distincto, na sciencia. Como e quando se apurará a verdade a tal respeito?

Referindo-se a sua morte, lê-se no Almanach citado:—« Em represalia a um attentado imputado a elle foi afinal assassinado em seu cafesal, encerrando assim uma existencia tornada infeliz por nimia cultura intellectual e habilitação a uma posição social superior áquella que os preconceitos da época lhe permittiam gosar.»

Provavelmente os preconceitos a que se refere o escriptor são os preconceitos que ainda muito predominam em relação aos homens de côr; talvez concorressem para tornal-o misanthropo.

Quando em 1846 o Imperador esteve em Campinas desejou conhecer Patricio Manso, que foi trazido quasi á força da fazenda para ser apresentado a sua magestade.

Terá razão o velho Horacio quando disse: *Semel insana-  
vimus omnes....?*

Assim viveu na mais cruel angustia, assim morreu um dos homens notaveis do Brazil na sciencia; mas o nome de Patricio Manso deve ser sempre citado como uma das nossas celebridades scientificas.

Feira de Sant'Anna, Junho de 1888.

DR. J. REMEDIOS MONTEIRO.

---

## NOTICIARIO

---

CONGRESSO BRAZILEIRO DE MEDICINA E CIRURGIA. — A idéa de reunir um congresso scientifico e profissional para discutir as questões de medicina e cirurgia que mais interessam á nossa pathologia, hygiene, e therapeutica, agitada na Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, e por ella promovida com vigoroso impulso, vai tendo as adhesões que merece um commettimento de tão grande utilidade e elevado alcance.

Conforme a circular e os estatutos já publicados nesta *Gazeta* as sessões do Congresso terão logar em Setembro do corrente anno, sendo a sessão preparatoria para a eleição da meza e commissões no dia 9 desse mez.

A commissão permanente está constituida pelos Srs. :

Dr. *Oscar Bulhoes*, Presidente, rua do Ouvidor, 31.

Dr. *Azevedo Sodré*, Secretario, rua do Hospicio, 56.

Dr. *Augusto Brandão*, Thesoureiro, rua dos Ourives, 47.

Dr. *Silva Araujo*, rua do General Camara, 5.

Dr. *Crissiuma*, rua da Uruguayana, 47.

Dr. *Carlos Teixeira*, rua dos Ourives, 33.

Para conhecimento dos nossos collegas que desejarem tomar parte na reunião do Congresso ou inscrever-se como membros effectivos, transcrevemos as seguintes disposições dos estatutos :

« Serão membros effectivos do Congresso todos os doutores em medicina—brazileiros ou estrangeiros residentes no Brazil —que se inscreverem e pagarem a contribuição estabelecida.

A contribuição annual dos membros effectivos do Congresso é de 20\$000, pagos na occasião da inscripção. Ella dá direito ao volume que publicará, contendo todos os trabalhos das sessões. (Art. 5.º)

Os medicos que desejarem tomar parte no Congresso devem participar ao secretario da commissão permanente até ás datas indicadas, enviando a respectiva contribuição ao thesoureiro, que lhe entregará um recibo que será o titulo de membro do proximo Congresso.

Os medicos das provincias deverão inscrever-se até fins de Julho e os da córte até fins de Agosto.

As communicações por escripto deverão ser enviadas com antecedencia de tres mezes ao secretario da Commissão Permanente.

Os oradores que quizerem discutir as theses annunciadas ou as communicações por escripto, deverão inscrever-se com antecedencia. »

Em uma de suas ultimas sessões a Sociedade de Medicina e Cirurgia approvou as seguintes theses, para objecto de trabalhos escriptos, que devem ser remettidos á commissão executiva

do Congresso de Medicina e Cirurgia, ou áquella Sociedade até o dia 30 de Agosto do corrente anno.

1. A ovariectomia no Brazil, proposta pelo Dr. Feijó Junior.
2. Frequencia dos calculos no Brazil; resultados operatorios, pelo Dr. Oscar Bulhões.
3. Frequencia da tuberculose em varias localidades do Brazil, pelo Dr. Felicio dos Santos.
4. Hospicios para crianças rachiticas e escrophulosas, pelo Dr. Carlos Costa.
5. Elephantiasis dos Arabes; sua frequencia no Brazil, desde épocas coloniaes, pelo Cons. Catta Preta.
6. A chyluria e a hydrocele no Brazil, pelo Dr. Felicio dos Santos.
7. A febre amarella no Brazil, e seu tratamento, pelo Dr. Carlos Gross.
8. Frequencia e distribuição geographica do bocio no Brazil; seu estudo etiologico e pathogenico; seu tratamento, pelo Dr. Felicio dos Santos.
9. Ophthalmia dos recém-nascidos; tratamento prophylactico e curativo, pelo Dr. J. Sant'Anna.
10. Maturação artificial das cataractas, pelo Dr. Hilario de Gouvêa.
11. Qual o melhor processo para extracção de cataracta, pelo Dr. Guedes de Mello.
12. Estudo do campo visual nas raças diversas do Brazil, pelo Dr. Moura Brazil.
13. Quaes os motivos por que são pouco frequentes as paralyrias geraes no Brazil, pelo Dr. Teixeira Brandão.
14. Das causas que determinam frequentemente as fórmulas de loucura degenerativa, pelo Dr. Teixeira Brandão.
15. Influencia das raças sobre a alienação mental, pelo Dr. Teixeira Brandão.
16. Processos de protecção do perineo nos partos, pelo Dr. Silva Santos.

17. Sobre a marcha e forma da syphilis no Rio de Janeiro, pelo Dr. Azevedo Sodré.

18. Natureza e tratamento das boubas: causas que têm influido para sua diminuição no Brazil, pelo Dr. Azevedo Sodré.

19. Causas que têm influido para a disseminação da tuberculose no Rio de Janeiro, pelo Dr. Azevedo Sodré.

20. Intervenção cirurgica nas localizações externas da tuberculose, pelo Dr. Carlos Teixeira.

21. Influencia do clima do Brazil sobre as modalidades clinicas da hysteria, pelo Dr. Azevedo Sodré.

22. Aguas potaveis no Rio de Janeiro, pelo Dr. Rocha Faria.

23. Da coxalgia sob o ponto de vista da pathogenia; qual o melhor tratamento; indicações operatorias e orthopedicas, pelo Dr. Barata Ribeiro.

24. Das molestias agudas do systema lympho-ganglionar, das lymphatites e lympho adenites pulmonares, pelo Dr. Barata Ribeiro.

25. Qual o melhor tratamento das bronchites agudas das crianças, pelo Dr. Barata Ribeiro.

26. Qual o melhor tratamento da diphteria, pelo Dr. Barata Ribeiro.

27. Quaes os meios mais efficazes para combater o desenvolvimento progressivo do tabagismo no Brazil, pelo Cons. Nuno de Andrade.

28. Formas clinicas das degenerações do myocardio, pelo Dr. Martins Costa. »

ASSOCIAÇÃO MEDICO-PHARMACEUTICA PERNAMBUCANA.— Em sessão de 7 de Junho esta associação scientifica e beneficente, fundada ha um anno na capital de Pernambuco, onde tem funcionado com muita regularidade, procedeu á eleição da meza e das commissões que tem de servir no actual anno administrativo; sendo o resultado o seguinte:

Presidente (reeleito)—Dr. Ignacio Alcibiades Velloso.

Vice-presidente—Dr. Malaquias Antonio Gonçalves.

1.º Secretario (reeleito)—Dr. José de Miranda Curio.

2.º Secretario—Pharmaceutico João Facundo de Castro Menezes.

Thesoureiro—Pharmaceutico Sabino O. L. Pinho.

Procurador (reeleito)—Dr. Antonio Joaquim de Barros Sobrinho.

Commissão de redacção—Dr. Augusto Coelho Leite, Dr. Antonio de Siqueira Carneiro da Cunha e Dr. Rodolpho de Paula Lopes (reeleitos).

Commissão de sciencias medicas—Dr. Manoel Clementino de Barros Carneiro, Dr. Adolpho Simões Barbosa, Dr. Joaquim de Castro Loureiro, Dr. Manoel Gomes de Argollo Ferrão e Dr. Antonio de Siqueira Carneiro da Cunha (reeleitos).

Commissão de sciencias chirurgicas—Dr. Malaquias Antonio Gonçalves, Dr. Constancio dos Santos Pontual, Dr. Raymundo Carneiro de Souza Bandeira, Dr. João Paulo da Silva Britto e Dr. Manoel de Sá Barretto Sampaio (reeleitos).

Commissão de sciencias accessorias—Dr. Belchior da Gama Lobo, Dr. Fernando Lisboa e Dr. Coutinho, pharmaceuticos João Facundo de Castro Menezes, Sabino O. L. Pinho e José de Azevedo Maia e Silva.

Commissão de pensões—Dr. Malaquias Antonio Gonçalves, Dr. Antonio de Siqueira Carneiro da Cunha e pharmaceutico Manoel Alves Barbosa.

---

**Phosphatina Falières.**—Alimento muito agradável, tendo por base farinhas das mais alimenticias, *cacáo, assucar e phosphato bi-calcico assimilavel*. Convém sobretudo ás creanças na epoca de se desmamarem, ás mulheres gravidas e ás que amamentão, aos velhos, aos convalescentes, etc.

---

**Molestias das vias respiratorias.**—O pó toni-digestivo de Royer, por sua fórma e suas propriedades, ao mesmo tempo digestivas e reconstituintes, é o remed.o mais seguro d'estas affecção. Paris 225, rua St. Martin e em todas as pharmacias.

**Vinho de Chassaing de Pepsina e Diastase.** — Relator: favoravel da *Academia de Medicina*. Paris 1864. Prescripto com resultad favoravel nas *affecções das vias digestivas* e particularmente contra *adyspepsia*.

**Dyspepsia.**—As numerosas experiencias clinicas dos Srs. Archambault, Bouchut, Fremy, do Hotel Dieu, professor Gubler, etc., teem demonstrado a efficacia notavel do *Elixir e pilulas chlorydro-pepsicos Grez*, (amargos e fermentos digestivos) nas dyspepsias, anorexia, vomitos de prenhez e perturbações gastro-intestinaes das creanças (lienteria). Contendo cada colher de sopa do elixir 50 centigrammas de pepsina titulada, as doses são para os adultos de um calice de licôr em cada refeição, e para as creanças de 1 a 2 colheres de sobremeza.

O licor de Laprade, de albuminato de ferro, o mais assimilavel dos saes de ferro, constitue o tratamento especifico da chlorose e das perturbações da menstruação.

O Vinho de Bayard, de pertona phosphatada, é um dos poderosos reconstituintes da therapeutica

**NAS CONGESTÕES  
E PERTURBAÇÕES DA FUNÇÃO DO FIGADO**  
*na Dyspepsia atonica febrés intermitentes*  
CACHEXIAS DE ORIGEM PALUSTRE E CONSECUTIVAS A UMA LONGA ESTADA EM PAIZES QUENTES  
Prescreve-se nos Hospitaes em PARIZ e em VICHY  
DE 50 A 100 GOTTAS POR DIA DE  
**BOLDO-VERNE**  
*ou quatro colheres de chá do*  
**ELIXIR DE BOLDO-VERNE**  
Depositos: **VERNE** professor da Escola de Medicina de Grenoble (França)  
E nas principais pharmacias de França e do Estrangeiro

## **KAROPE & PILULAS REBILLON**

Com Iodureto dobrado de Ferro e de Quinino.

*Efficacia certa na Chlorosis, Flores brancas, Supressão e desordens da Menstruação, Doenças do Peito, Dores do Estomago, Gastralgia, Rachitismo, Escrofulas.*

Desenvolve immediatamente o appetite e as forças, e nos casos de *Debilidade* acompanhada de *febres lentas ou intermitentes, Doenças nervosas*, deve empregar se preferivelmente a qualquer outra substancia.

Venta en grosso: **Ch. VIMARD & PETIT**, 4, r. du Parc-Royal, PARIS

Deposito: no Rio-de-Janeiro e nas Provincias, em todas as Drogarias.